

'UM MULATO NO REINO DE JAMBOM'

(as classes sociais na obra de Lima Barreto)

M. Zilda Ferreira Cury
SONIA A. MARRACY

RESENHAS

São Paulo Cortez Editora 1981

São muitos e de grande valia os estudos sobre a obra de Lima Barreto. Faltava, no entanto, fazer a contextualização histórica da obra, mostrando as suas relações com o conjunto sócio da qual participa. É justamente esta a proposta de M. Zilda Ferreira Cury em "Um Mulato no Reino de Jambom (as classes sociais na obra de Lima Barreto)".

Em termos metodológicos, a A. encara a obra literária como sendo "simultaneamente em todo, sobre o qual podemos nos debruçar e uma parte que necessariamente tem de ser remetida a um conjunto para adquirir sua radical significação". (p 113) Assim, a obra é vista como expressão literária de uma época e, para ser compreendida integralmente deve ser estudada no contexto histórico em que foi produzida.

Utilizando-se do conceito goldmaniano de "visão de mundo" - como expressão dos grupos fundamentais, capazes de erigirem sua concepção de mundo em estrutura significativa - M. Cury ultrapassa a análise individual e aprofunda a compreensão do escritor e de sua obra, ao estudar as relações existentes entre esta e as visões de mundo que correspondem a

determinados grupos sociais. A A. demonstra ser Lima Barreto "expressão de uma camada marginalizada na época" (p.26), pois, "há no conjunto da obra do autor uma intenção explícita de se alinhar às camadas populares, sendo esse alinhamento marcado pela oscilação e por posturas ambíguas" (p.26) características de uma classe fundamentalmente oscilante, à qual Lima Barreto pertenceu: As classes médias urbanas da Primeira República. Segundo a A., "a tentativa, ainda que ambigualmente assumida, de ser expressão de um bloco popular em formação, já significa uma grande sensibilidade com relação às mudanças que estão ocorrendo no corpo social e um esforço de superação dos próprios entraves de classe, atingindo aquilo que Goldmann denomina o limite de consciência possível". (p.29/30).

Da análise do conjunto da obra de Lima Barreto (produção jornalística e ficcional), a A. percebe duas posturas constantes: o fatalismo e a denúncia. Nenhuma delas em estado puro, pois o fatalismo, naquela época já significava uma denúncia, "uma vez que explícita a marca de uma classe que vê como fatais a proletarianização e a falta de autonomia". (p.28). Quanto à

denuncia a A. afirma ser, "ao mesmo tempo, uma tentativa de crítica à própria posição e de ultrapassagem dos limites impostos por essa posição. O primeiro caso compreende todo o desnudamento da situação das camadas médias" (...) "O segundo compreende a tentativa de articulação com o bloco popular ainda em formação" (p.154).

O FATALISMO

Em toda a sua produção jornalística e ficcional, Lima Barreto manifestou-se e tomou posição sobre política, moda, literatura, esportes, ensino, feminismo, burocracia etc, fazendo de seus romances e crônicas e contos, instrumentos de seus ideais. A visão fatalista advém necessariamente da tomada de consciência do problema (discriminação racial, marginalização, opressão etc), "tomada esta, o mais das vezes, amarga e pessimista". (p.35)

A DENUNCIA

Lima Barreto denunciou a marginalização da mulher, o "feminismo burocrático" (que pretendia a introdução da mulher no funcionalismo público), o casamento-instituição, a discriminação racial, o bacharelismo, as instituições literárias etc.

Enquanto nas crônicas Lima Barreto oscila entre a defesa e o ataque à mulher (denunciando p. ex. a sua falta de inteligência criativa), nos romances ele assume o ponto de vista da mulher marginalizada e oprimida socialmente. Segundo a A., ambos os casos inscrevem-se numa ampla atitude de denúncia: a denúncia das instituições sociais da época.

Quanto aos personagens masculinos, são, na grande maioria, corrompidos. Mas há exceções: São eles: Policarpo, Gonzaga de Sã, Machado, Benevenuto, Isaías Caminha. Do lado feminino, "Olga e Edgarda significam certa reação, o índice de superação de uma consciência ingênua da realidade." (p.75)

A Ambiguidade na obra de Lima Barreto

E a A. explica: "É nessa mulher, em Olga, e na sua ligação com Ricardo, um homem do povo, que Lima apresenta a alternativa para a mudança do sistema, para a saída do corrupto universo burocrático descrito no romance." (p.75) E assim ele aponta para a "participação criadora das camadas marginalizadas como real alternativa" (p.84). A A. está se referindo a uma passagem de "Triste fim de Policarpo Quaresma", em que Olga e Ricardo tentam libertar Quaresma da prisão. Mas a tentativa foi em vão, o que, ao meu ver, dá margem para se pensar que Lima Barreto não está apontando para uma real alternativa, mas está pessimista quanto a tal alternativa.

Em outro romance, "Memórias do escrivão Isaías Caminha", o personagem central não culpa o sistema por se sentir esmagado, "mas aos 'maus' e aos 'covardes', numa crítica mais moral que estrutural". (p.109) Nas palavras da A., significa que a crítica de Lima Barreto "aponta ainda para a solução dentro do próprio sistema, para uma solução, muitas vezes moral e não para uma solução que proponha a destruição ou a substituição do sistema". (p.108)

A ambiguidade é uma constante na produção limiana: Ele faz a crítica ao Estado "enquanto organização autocrática de poder" (...), "No entanto, algumas vezes Lima, depois de fazer sua crítica, depõe, contraditoriamente, nas mãos do governo as soluções para os problemas". (p.177) No tocante ao fazer literário e suas instituições, segundo a A., Lima "ataca a Academia, mas não esconde a revolta de nela se ver preterido por três vezes." (p.152)

A A. explica a ambiguidade da obra de Lima Barreto ao proceder à contextualização histórica da produção limiana. Para ela, "as classes médias não possuíam condições econômicas e sociais para uma política autônoma, ante os interesses oligárquicos", pois suas atividades estavam "ligadas ao aparelho de Estado e ao setor de serviços." (p.127). Além disso, "estruturalmente a pequena burguesia não possui uma ideologia própria" (p.123), o que impediria o funcionalismo público de assumir uma postura de classe.

No entanto, não se pode desprezar a "ligação, ainda que esporádica e muitas vezes fraca, de alguns setores das classes médias e trabalhadores para a formação de partidos operários. Isto se dá no Rio de Janeiro por sua estrutura social muito diversificada, que concentra um setor menos diretamente dependente das classes agrárias" (p.145).

Para M. Cury, se o fraco alinhamento de intelectuais ao movimento operário na Primeira República não pode ser desprezado, é preciso compreendê-lo vinculando-o aos limites impostos aos intelectuais pelo lugar que ocupam nas relações sociais. Como já foi dito, não haviam condições objetivas para a existência de

uma tomada de posição política autônoma das classes médias, pois suas atividades estavam ligadas ao aparelho de Estado.

Feita a contextualização histórica da obra de Lima Barreto, a A. mostra as reais dimensões de sua visão fatalista e de denúncia: O fatalismo constitui expressão das classes médias urbanas que veem como fatalidade a sua proletarianização. A denúncia constitui simultaneamente a tentativa de ultrapassar os próprios limites de classe média para ligar-se ao "bloco popular ainda em formação". (p.154) E a A. conclui: Se esta posição fosse tomada integralmente implicaria na "própria negação do lugar social ocupado. Uma radicalidade é prematura para a época, pois não haviam condições concretas para o funcionalismo público assumir uma tal postura de classe". (p.154) Daí a ambiguidade ser uma constante na produção limiana.

O importante a reter é que a ambiguidade torna-se um valor literário, pois cria uma literatura voltada predominantemente para o popular, buscando uma linguagem mais elaborada que possibilita acenar com a superação da dicotomia entre linguagem literária e linguagem popular.

O mérito do livro está em demonstrar a importância da contextualização histórica para a compreensão da obra literária. Encerra uma nova proposta de estudo da produção literária que deve ser conhecida pelos estudiosos da literatura. O livro deve ser lido por todos os que se interessam em compreender melhor o grande escritor Lima Barreto e seu tempo, o qual tão bem ele expressou.